

Inclusão escolar e a aula de música: dados parciais de um estudo de caso

Sheila Cristina Escudeiro Hernandes Dias
Universidade Estadual de Maringá- UEM
sheila_hernandes@ibest.com.br

Vânia Malagutti Fialho
Universidade Estadual de Maringá- UEM
vaniamalagutti@hotmail.com

Resumo: Nesse texto, abordo os dados parciais de uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso que versa sobre como são as aulas de música na escola em salas onde há alunos de inclusão. A pesquisa está sendo realizada em uma escola particular na cidade de Maringá, que oferece aos alunos o Ensino Fundamental em séries iniciais e finais. Dentro desta análise foi investigado o conceito de inclusão para poder entender como a escola acolhe os alunos e de que maneira a professora de música trabalha seus conteúdos em salas de aulas onde há alunos de inclusão. A pesquisa está sendo desenvolvida a partir da abordagem qualitativa. O método escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi o estudo de caso, e as técnicas utilizadas na pesquisa foram a entrevista semi-estruturada, a observações, diários de campo e a análise dos documentos da escola. Os dados sinalizam que a escola tem clareza do que entendem por inclusão escolar e se esforçam nesta direção. No contexto escolar as aulas de música têm cumprido um papel importante junto aos alunos de inclusão devido ao seu caráter prático e lúdico.

Palavras chaves: inclusão escolar, aulas de música, escola.

Introdução

Neste texto abordo os dados parciais de uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso que versa sobre como são as aulas de música na escola em salas onde há alunos de inclusão. A pesquisa está sendo realizada em uma escola particular, na cidade de Maringá/PR, que oferece aos alunos o Ensino Fundamental em séries iniciais e finais. Na pesquisa, a escola foi intitulada Escola Alfa. Esta escola atende cerca de 200 alunos, sendo que mais de 10% são alunos de inclusão. No quadro de professores, há uma professora específica para as aulas de música, que são oferecidas no Ensino Fundamental I (de primeiro ao quinto ano).

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), estima-se que 10% da população mundial, possui algum tipo de deficiência¹. No Brasil, o censo demográfico de

¹ www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-as-pessoas-com-deficiencia A ONU e as pessoas com deficiência. Acessado em 29/06/2014.

2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, revela que 8,3% da população brasileira apresenta algum tipo de incapacidade ou deficiência². Esse percentual inclui as pessoas com dificuldade severa de enxergar, de ouvir, locomover-se ou com deficiência física ou mental.

Estas pessoas com deficiência congênita ou adquirida muitas vezes são privadas de algumas oportunidades tanto no convívio familiar, quanto em espaços profissionais, de lazer e educacionais. Na educação, embora as matrículas estejam aumentando na rede de ensino, as condições se mantêm desiguais para os alunos que possui algum tipo de deficiência. Isso ocorre com frequência em escolas brasileiras quando não há recursos e apoios de que necessitam para estudarem em condições de igualdade com relação aos demais alunos (MEC/SEESP, 2008).

Segundo Monteiro (2010), a escola para efetivar uma proposta de inclusão, precisa efetivar mudanças significativas, eliminar as fronteiras que delimitaram o espaço entre a educação regular e a educação especial e desconstituir a possibilidade da escolarização acontecer de um único modo, por um mesmo percurso para todos os alunos. A inclusão traz a singularidade que não pode ser ignorada ou apagada nos tradicionais caminhos da escolarização.

A escola se torna inclusiva na medida em que reconhece a diversidade presente entre seus alunos, podendo atendê-los com uma prática pedagógica eficiente e capaz de responder às necessidades educacionais de cada um deles (RAMBO, LEONARDO, 2012). Nesse sentido, discutir o processo pedagógico-musical na perspectiva da educação inclusiva torna-se necessário, considerando que legalmente a música é uma disciplina que está se legitimando nos projetos pedagógicos escolares, especialmente após a lei 11.769/2008.

Diante disso, nesta investigação, busco discutir como se desenvolve as aulas de música em salas em que há alunos com algum tipo de necessidade. As questões que levanto são: Qual o conceito de inclusão da escola investigada? Como as aulas de música são organizadas, em termos de metodologia e recursos utilizados? Considerando que na sala de aula tem um aluno de inclusão, em que o professor se orienta para definir suas escolhas e atuação pedagógico-musical?

² www.pessoacomdeficiencia.gov.br. Cartilha do Censo 2010. Acessado em 29/06/14.

A pesquisa está sendo desenvolvida a partir da abordagem qualitativa. O método escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi o estudo de caso (YIN, 2001), e as técnicas utilizadas na pesquisa foram a entrevista semi-estruturada, as observações, diários de campo e a análise dos documentos da escola. A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de abril a junho de 2014 e no momento os dados estão sendo transcritos e categorizados. Ao longo da pesquisa de campo foram feitas oito entrevistas envolvendo professores, coordenação e funcionários da escola. Entrevistar os funcionários foi importante para compreender de que maneira a inclusão é desenvolvida no ambiente escolar, para além da aula de música.

Esse texto está organizado na análise do conceito de inclusão escolar. Em seguida no entendimento da prática da inclusão na Escola Alfa. Após, a compreensão sobre a aula de música no contexto da inclusão. E por último, as considerações finais.

Discutindo a inclusão escolar na Escola Alfa

Conceito de inclusão escolar

Ferreira (2005), que afirma que inclusão é um termo usado predominantemente como sinônimo de integração de alunos com deficiência no ensino regular. Incluir significa fazer parte da comunidade da escola, ser reconhecido como um membro da comunidade escolar.

Para professora de música da escola Alfa, Gabriela, a inclusão escolar significa oportunizar situações e ações para “ele [o aluno] se sentir bem onde está [...] e não excluído”. Nesse sentido, um aluno incluído é aquele não está “fora do ambiente e dos colegas”. Estar incluído é “fazer parte do ambiente e que os outros considere ele como parte do todo, do ambiente, do meio”. Além disso, ao pensar a inclusão escolar precisa considerar que o aluno de inclusão é importante e que ele “possa fazer a diferença ali: sem fulano seria uma coisa, com fulano é outra. Ele não está ali como um enfeite, está ali e causa algo neste meio. Eu acho que isso é estar incluído” (Gabriela, professora de música).

Na mesma direção, Catarina, uma das funcionárias da escola que trabalha nos serviços gerais, afirma que para incluir um “aluno especial ele tem que conviver com outras pessoas, senão ele não vai pra frente”. Essa afirmação é reforçada por Izabela (serviços gerais) e Marilza (cantineira e cozinheira da escola) acreditam que a interação entre os alunos é fundamental: “eles têm que ficar no meio das outras [crianças] senão, não é inclusão”.

Em consonância com essas falas, Sofia (secretária no turno da manhã e professora do terceiro ano no turno da tarde) acredita que inclusão “é você conseguir fazer com que [...] os alunos se sintam parte de um processo que na maioria das vezes deixam eles de lado”. Ela acredita que “cada um aprende num tempo diferente, então nós não somos obrigados a aprender o mesmo conceito da mesma forma que a gente acha que, que tem que ser, cada um tem um jeito de aprender e um tempo”. Neste sentido, coloca que a “inclusão é quando você ajuda o aluno a superar as dificuldades dentro de um outro contexto, que a princípio ele teria dificuldade”.

As entrevistadas consideram, portanto, que o aluno com necessidade especial precisa estar em contato com os demais alunos e ser assistido em sua necessidade. A esse respeito, Tessaro (2005, p. 30) afirma que a “inclusão não implica desconsiderar a diversidade/diferença, pelo contrário, inclusão significa aceitar e reconhecer a diversidade na vida e na sociedade, isto é, identificar que cada indivíduo é único, com suas necessidades, desejos e peculiaridades próprias”.

A prática da inclusão escolar na Escola Alfa

Díez (2010) afirma que a inclusão pode ser definida como um modelo de educação que propõe escolas onde todos possam participar e sejam recebidos como membros valiosos delas. Dessa forma, a inclusão é um verbo que é praticado na escola, requerendo que esta esteja disposta a acolher e atender às necessidades que se apresentarem. No que se refere à Escola Alfa, Lucas, um dos entrevistados, afirma:

Eu vejo a escola [Alfa] como uma instituição totalmente aberta a isso né. A gente tem vários alunos na escola num processo de inclusão, em turmas diferentes, e existe a preocupação da atividade por turma pra que aconteça um trabalho diferente para que este aluno seja realmente atendido. Não é inclusão só por inclusão. A ideia não é inserir simplesmente estes alunos dentro da organização. É realmente fazer um trabalho diferente com eles. Então existe um cuidado com quantidade [de alunos por turma] também, a gente sempre se preocupou. Hoje a gente está com um número de mais ou menos 20 alunos por turma. (Lucas, setor administrativo)

As preocupações com o planejamento e o número de alunos por turma estão relacionadas ao entendimento da escola de que é necessário um atendimento específico para o

aluno de inclusão: “quando a gente tem um aluno, de inclusão em sala, a gente pensa em uma forma diferenciada para trabalhar com ele” (Sofia). Isso porque os alunos de inclusão

têm uma especificidade que por algum motivo os impedem de aprender. Eles têm uma dificuldade na questão de conceito. Então quando a gente faz o trabalho com esse aluno, a gente faz atividades adaptadas, a gente faz um trabalho mediado. Mediado no sentido de que toda a atividade que é desenvolvida, que o aluno apresenta muita dificuldade para desenvolver sozinho, a gente vai trabalhar de forma que vai retomando as atividades que já foram feitas. (Sofia, professora e secretaria geral).

Nesse sentido, Sofia afirma que trabalhar com um aluno de inclusão significa considerar o “ele pode produzir”, dentro de suas especificidades: “não adianta puxar uma coisa que ele não entende”, porque a inclusão é um processo que ocorre no tempo do aluno.

Para este trabalho diferenciado o professor que trabalha com alunos de inclusão precisa ter uma formação que lhe permita uma atuação específica. Isso exige que a escola e os professores estejam conscientes do papel que possuem junto ao aluno de inclusão. Sobre isso, Ferreira (2005) ressalta que o professor deve ter uma atitude pró-ativa, ou seja, ter iniciativa para obter as informações que são relevantes para o exercício de sua função de educador/a comprometido com os ideais de justiça social e igualdade de direitos para todos os seres humanos.

A inclusão escolar e a aula de música

Com relação ao trabalho de inclusão escolar nas aulas de música, a professora Gabriela, responsável pela disciplina, afirma que o primeiro passo é assumir que em sua sala há alunos com necessidades especiais. O segundo passo, segundo ela, é ter o “desejo de trabalhar a inclusão”. Além disso, Gabriela afirma que é fundamental ter “o conhecimento de cada necessidade”, porque “cada caso é um caso”, e os alunos “são totalmente diferente um do outro, um é afetuoso, participa o tempo todo, você não precisa nem chamar, o outro já é aquele que dá trabalho, não faz nada”. À medida em que o professor conhece o aluno ele consegue “trazê-lo para participar”.

Para a professora, portanto, três aspectos são importantes: assumir que “tal aluno” tem uma necessidade especial, ter o “desejo” de incluí-lo na aula e para isso, despender um esforço para melhor conhece-lo e assim, traçar estratégias que possam contribuir para sua inclusão.

O princípio das aulas de música da escola está, de acordo com a professora Gabriela, em atividades musicais práticas. Em suas palavras,

envolve muito o corpo, o corpo da criança. Porque eu acredito que a aprendizagem não é só pelo ouvido, não é só pela fala: ouvi e entendi. A música: ouvi- entendi. Não! Eu acho que envolve o corpo inteiro, envolve a pessoa inteira. Então tem um caráter prático, tem um caráter bastante lúdico, principalmente com os pequenininhos. (Gabriela, professora de música)

Partindo de uma abordagem vivencial a professora percebe que o envolvimento dos alunos ocorre de uma maneira “natural”. Para isso vale também um investimento no “mundo da fantasia”: “é história, é personagem. Às vezes eu me caracterizo de alguma coisa e eles entram de uma forma que... que não tinha jeito melhor de eles poderem se envolver [...] funciona bastante”.

A aula de música fundamentada em atividades musicais práticas, em um viés lúdico que envolve contos de fada, faz com que as crianças sejam envolvidas em um mundo de fantasia onde as diferenças e necessidades de cada uma é descentralizada e ao mesmo tempo contemplada. O que ocorre é uma potencialização do que cada aluno tem de melhor. Isso porque todos participam brincando, sem os códigos supostamente formais de ensino. Nesta perspectiva não há o certo ou o errado. O mais importante é a participação ativa de todos os alunos.

Nesse sentido, a professora assume um papel de mediadora, e acolhe o que os alunos vão demandando. Segundo ela não há uma rigidez por parte da escola, de modo que as aulas vão sendo construídas no dia a dia de acordo com as necessidades de cada turma, de cada aluno: “essa escola não exige que eu trabalhe determinados conteúdos com cada turma. Então eu procuro trazer coisas minhas pegar coisas dos alunos. Então é uma mescla de coisas” (Gabriela, professora de música).

Considerações finais

Os dados de campo desta pesquisa ainda estão sendo analisados, porém, os recortes trazidos neste texto indicam que a Escola Alfa tem uma preocupação com a inclusão escolar. Toda a equipe – professores e funcionários – possui um discurso comum, entendendo a importância de envolver o aluno com necessidades especiais nas atividades promovidas na escola, e, sobretudo, fazer com que ele seja parte da comunidade escolar.

As aulas de música, pelo caráter prático e lúdico, parecem contribuir para que as propostas pedagógico-musicais integrem todos os alunos de uma maneira que potencializa suas capacidades, favorecendo o desenvolvimento musical de todos e inclusive do aluno com necessidades especiais.

Essa pesquisa, ainda em andamento, irá explorar em maior profundidade as estratégias metodológicas desenvolvidas nas aulas de música, bem como os materiais didáticos utilizados. Contudo, já há indícios de que para se efetivar a inclusão escolar não há modelo pronto, é um processo que vai se construindo ao caminhar, se fazendo e refazendo no andar (SILVA, 2007). A proposta pedagógica e a prática inclusiva de cada escola vão sendo construídas no enfrentamento com as demandas diárias, nas trocas e nas reflexões.

Referências

DÍEZ, A.M. Traçando os mesmos caminhos para o desenvolvimento de uma educação inclusiva. *Inclusão: Revista da Educação Especial/Secretaria de Educação Especial*. Brasília, v.5, n.1, jan/jul, 2010.

FERREIRA, W. B. Educação Inclusiva: será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos. *Inclusão: Revista da Educação Especial/Secretaria de Educação Especial*. Brasília, n. 40, out, 2005.

MEC/SEESP. *Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Inclusão*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Brasília/DF, 2008. Disponível em: www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf. Acesso em 18 jun 2014.

MONTEIRO, M. R. C. *Todos os alunos podem aprender: a inclusão de alunos com deficiências no III Ciclo*. Dissertação, Mestrado em Educação, UFRGS. Porto Alegre, 2010.

RAMBO, C. P. ; LEONARDO, N. S. T. *A inclusão escolar no ensino superior: um longo caminho a trilhar*. In RIBEIRO, M. J. L. (org). Educação especial e inclusiva: teoria e prática sobre o atendimento à pessoa com necessidades especiais. Maringá: EDUEM, 2012.

SILVA, K. W. *Inclusão escolar de alunos com deficiência mental: possíveis causas do insucesso*. Dissertação, Mestrado em Educação, UFRGS. Porto Alegre, 2007

TESSARO, N. S. Inclusão escolar: o paradigma do século 21. *Revista da Educação Especial*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 19-23, 2005.

YIN, R. K. *Estudos de caso: planejamento e métodos*. Porto alegre: Bookman, 2001.